

# LITERATURA DE DIÁSPORA AFRICANA PARA CRIANÇAS EM APRENDIZAGEM DE LÍNGUA FRANCESA

Josilene Pinheiro-Mariz (POS-LE / UFCG)

**Resumo:** Ensinar a língua, pelos caminhos da leitura literária se constitui em um de nossos principais objetivos, uma vez que a língua e a literatura são dois domínios indissociáveis. (FIORIN, 2012). Assim, baseados em Poslaniec, (2002), neste trabalho buscamos apresentar uma forma de abordagem da obra literária para crianças e enfocaremos a sala de aula de língua francesa para crianças entre 3 e 5 anos. Primeiramente, faremos uma leitura da narrativa *Grand-mère, ça commence où la route de l'esclave ?*, da antilhana Dany Bébel-Gisler e em seguida discutiremos a importância dessa obra no que concerne à literatura de diáspora, destacando que a literatura não auxilia apenas na aprendizagem do léxico ou da gramática, mas se caracteriza, sobretudo como um instrumento de humanização e, de um modo bastante particular, indispensável para formação humana.

## Introdução

Ensinar o francês como língua estrangeira, desde a Educação Básica, em especial, na Infantil não é tarefa simples e, muito provavelmente, por esse motivo, não se apresenta como uma atividade comum no Brasil, uma vez que estudiosos assinalam o ensino de língua estrangeira (LE), na maioria dos casos, como sinônimo de língua inglesa (ROCHA; TONELLI; SILVA, 2010). Isso se dá, possivelmente, por fatores históricos como a chegada do cinema falado e, reforçado, após a Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos sustentaram certa hegemonia em uma esfera internacional.

Porém, faz-se necessário resgatar o fato que a língua de Molière, Balzac, Victor Hugo e de outros grandes escritores esteve presente por muito tempo nas salas de aulas do ensino básico das escolas brasileiras (PAIVA, 2003), perdendo espaço para a língua de Edgar Allan Poe, pelo papel que o inglês passou a ocupar, nas relações internacionais, sobretudo no pós-guerra. Nesse sentido, nos dias de hoje e, até mesmo pelo papel de destaque da língua inglesa, algumas escolas de idiomas oferecem essa língua em uma perspectiva de ensino para crianças.

O fato é que ensinar uma LE desde a fase da primeira infância, sob o nosso ponto de vista, tem uma estreita relação com o que nos assegura o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau: “*Ce sont presque toujours de bons sentiments mal dirigés qui font faire aux enfants le premier pas vers le mal*”. Assim, pensar a respeito da citação do filósofo é uma forma especial de se considerar a Educação Infantil como um momento de grande seriedade para a

formação do educando em uma perspectiva mais completa de educação para a vida, uma vez que “São quase sempre bons sentimentos mal orientados que levam as crianças ao primeiro passo para o mal”. Esse sentimento é reforçado, especialmente, quando pensamos que na Educação Básica, segundo os parâmetros firmados pela LDB (2006), esse momento da vida é estabelecido como o período mais adequado para se compor uma educação de modo mais integral, seja no aspecto social ou físico.

Portanto, considerando-se o ensino de línguas estrangeiras na infância como um elemento determinante na formação humana, uma vez que aprender línguas estrangeiras deve ser uma atividade prazerosa, estimulando o aprendiz a ter contato com outras línguas e, conseqüentemente, com culturas diversas, influenciando diretamente no seu desenvolvimento. Ressalte-se ainda que o ensino de FLE para crianças não se constitui em uma atividade fora de uma perspectiva maior de formação do ser humano em idade escolar, tratando-se, pois, de um momento especial na vida da criança.

Levando-se em conta todos esses elementos, juntando a eles a questão da indissociação entre língua e literatura; assim, queremos destacar a importância da leitura de textos literários na Educação Infantil, mesmo no âmbito do ensino de línguas estrangeiras (LE). Trata-se de uma abordagem muito especial, pois, de uma maneira geral, a leitura literária não é muito comum na primeira infância, sobretudo quando se trata de LE. Assim, este texto resulta de abordagens executadas em um projeto de ensino de língua francesa para crianças em idade entre três e cinco anos, inscritas na Unidade de Educação Infantil (UEI), com quem desenvolvemos atividades de ensino de francês, a partir de diversas linguagens, tendo na literatura como a ponte que pode reunir diversas artes para melhor incentivar a leitura (contação) literária na aprendizagem da LE.

Neste trabalho, destacamos a literatura de diáspora africana, da antilhana Dany Bébel-Gisler, com sua novela *Grand-mère, ça commence où l'ar oute de l'esclave?* Isto porque se trata de uma obra que, por vários motivos, lembra a História do Brasil, no que tange à diáspora africana, uma vez que, semelhantemente às Antilhas, o nosso país também teve colonização europeia e escravidão negro-africana.

## **2 Ensinar uma língua estrangeira e a literatura na primeira infância**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 assegura no seu artigo 22 que: “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da

cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. É com o foco nessa formação comum e indispensável, para que o cidadão venha a ter subsídios para inserir-se mais tarde em um concorrido mercado de trabalho ou continuar seus estudos em um país de língua francesa, que reconhecemos a necessidade de se identificar os procedimentos necessários para que sejam incitados ao plurilinguismo desde a primeira infância.

Segundo os parâmetros firmados pela LDB (op. cit.) do nosso país, esse momento da vida é estabelecido como o período mais adequado para se compor uma educação de modo mais integral, seja no aspecto social ou físico. Nesse sentido, a literatura é determinante, sobretudo, por estimular a capacidade criadora da criança, estimulando o seu imaginário.

Para essa fase da vida, quanto mais linguagens, associadas à literatura, forem utilizadas para melhorar a aprendizagem, muito melhor será o desempenho da aprendizagem. Percebemos, então, na literatura francófona no espaço conhecido como *le monde en français* particularidades que nos permitem aproximar lugares como as ilhas do Caribe, de diversas realidades brasileiras. Nesse âmbito, a escritora Bébel-Gisler está bem inserida em um panorama da produção feminina de textos literários escritos em língua francesa fora da França metropolitana, o Hexágono europeu.

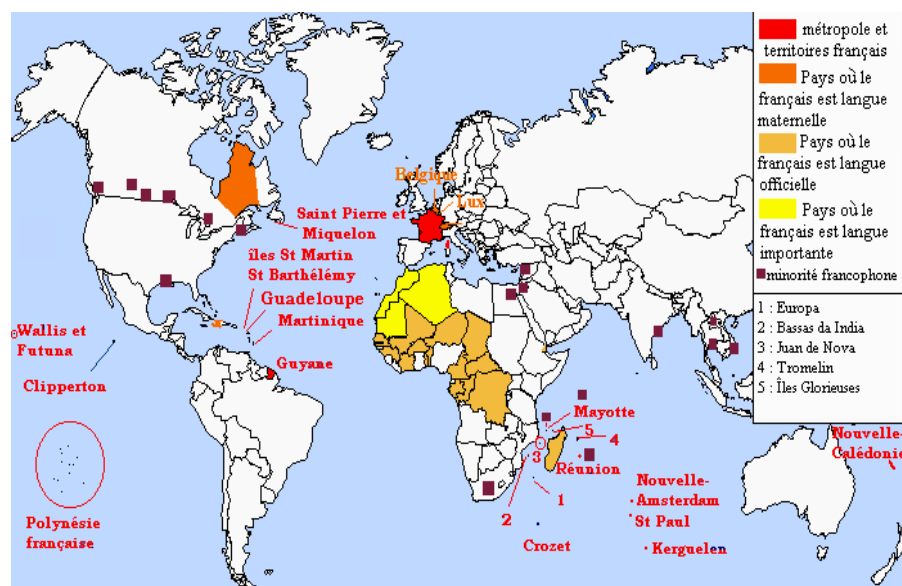


Figura 1: Mapa da francofonia

Ao levarmos os textos às crianças, consideramos também que é possível propor uma reflexão sobre o papel da mulher escritora, que utiliza a língua francesa, como nos cinco continentes (África, América, Ásia, Europa e Oceania) e três oceanos (Atlântico, Índico e Pacífico). Lendo Gisler, buscamos identificar qual a função de sua produção literária em

língua francesa na perspectiva de aproximar as crianças aprendizes de FLE (francês como língua estrangeira) de uma diversidade cultural que, de toda forma, aproxima-se da nossa realidade, enfocando, em particular, as especificidades culturais dos antilhanos, quando relacionamos aos sofrimentos trazidos pela escravidão no Brasil. Estimulando nos pequenos aprendizes, um pensamento de que do mesmo modo que a língua portuguesa no Brasil é uma língua de unidade em um espaço de diversidades, o mesmo acontece com a língua francesa.

### **3 Leitura literária por imagens**

No que concerne à relação entre imagem e literatura, trata-se de uma relação delicada. Em um contexto de literatura e modernidade, tem se percebido um interesse em releituras de antigas formas, renovando-as de maneira a despertar no leitor, de obras clássicas, outra visão a respeito da literatura. Muito antes de se falar da noção de intersemiótica, essa relação já era amplamente trabalhada. Estudos revelam o quanto Perrault (século XVII), por exemplo, passou a ser mais lido e até mais apreciado por leitores de todas as idades após as ilustrações feitas por Gustave Doré (século XIX) (RUFFEL, 2006; TOURETTE, 2006). Nessas ilustrações, percebe-se um destaque maior os hábitos sociais daquele período histórico. Para a criança, que ainda não domina o código escrito, a imagem pictórica toma forma de componente determinante para a leitura da fruição, pois é essa imagem que pode concretizar as construções realizadas no universo infantil.

Esse caso caracteriza o que afirma Pietroforte, (2007, p.33), ao afirmar que a imagem, em alguns casos, exerce a função de tradutora; é a “imagem-tradução que está no campo da polissemia da imagem”. Certamente, é essa polissemia da imagem que pode instigar a criança na sua “leitura-interpretação de mundo”; à fruição.

Levando-se em conta a necessidade de fruição como elemento indispensável para o desenvolvimento humano na esfera do ensino de uma LE, buscamos identificar no livro didático, as atividades e exercícios que propiciam a fruição literária, de modo a incitar a criança a fazer as conexões que lhe são próprias nessa fase da vida (POSLANIECC, *op.cit.*). Nesse ponto, relacionamos a leitura por imagens à tradução, pois “a base da tradução, a *língua*, não é um *ergon* (obra pronta), mas *energeia*, termo equivalente à *atividade* [...] referentes ao estudo das sucessivas etapas criativas, que vislumbram o processo antes de se voltar à investigação do produto” (BAUER; LIMA, 2011, p. 111).

Considerando essa perspectiva, a interpretação por meio de desenhos está ligada a um contexto sócio-histórico-cultural, por essa razão, não seria difícil para as crianças, em qualquer idade, uma leitura literária a partir de imagens.

### **3.1 *Grand-mère, ça commence où la route de l'esclave ?*: uma possibilidade de leitura**

Na obra em estudo, a sua autora faz uma é dedicatória à sua netinha, após questão sobre a escravidão: « *Ça commence où la Route de l'Esclave ? C'est quoi l'Afrique? Lorsque ma petite fille de 3 ans et demi me pose ces questions, je prépare la deuxième escale de La Route de l'Esclave" en Guadeloupe* » (BÉBEL,1998). Levando-se em conta a literatura com elemento indispensável para a formação humana, um texto de origem social semelhante à do leitor, o texto literário pode favorecer intensas trocas intercultural, sobretudo na primeira infância, proporcionando, assim, à criança, a possibilidade de ter os primeiros contatos com a alteridade, tão necessária para promover o respeito mútuo na primeira formação escolar.



**Fig. 2 a escritora alguns anos antes de falecer**

Bébel-Gisler, nasceu em Pointe-à-Pitre, na Guadalupe, em 7 de abril, de 1935, foi ao longo de sua vida, uma escritora muito ativa tanto na vida social, como socióloga, quanto política e linguístico-literária. Foi pesquisadora do Centre Nationale de Recherche Scientifique (CNRS), além de ser também educadora. Essa importante escritora faleceu em Lamentin, também na Guadalupe, em 28 de setembro de 2003, com 68 anos.

Ela é considerada a pioneira da diáspora negra e também uma das pioneiras dessa nova geração de escritores que defendem a língua e a cultura de sua ilha e de seu país. Identificava a língua antilhana como o « cordon ombilical qui nous lie à l'Afrique ». Em 1996, foi encarregada pela UNESCO do projeto « La route de l'esclave », no qual aproxima África,

Caribe e a Europa pelo viés dos monumentos históricos para desmistificar o tratado negreiro europeu.

Apresentamos um excerto da obra, na qual se percebe os sofrimentos vivenciados pelos negros escravos, subjugados ao branco colonizador :

### **Révoltes et marron(n)ages**

Contre les mauvais traitements, le fouet, les tortures, contre l'interdiction d'honorer ses dieux, ses ancêtres, l'Africain réduit en esclavage souvent se rebelle.

Il lutte contre le maître, brûle les champs de canne, empoisonne les chiens, les bœufs, sabote le moulin ou l'usine.

Dès qu'il peut, il fuit dans la forêt.

Il devient un Nègre marron.

On le chasse avec des chiens, des fusils.

Mais quand il parvient à joindre d'autres marrons, il est sauvé.

Il retrouve la liberté, prend en main sa vie.

Des groupes de marrons organisent la résistance.

Ils attaquent les habitations et libèrent d'autres esclaves.

Les colons commencent à avoir peur.

(BEBEL-GISLER, 1998. p. 22)

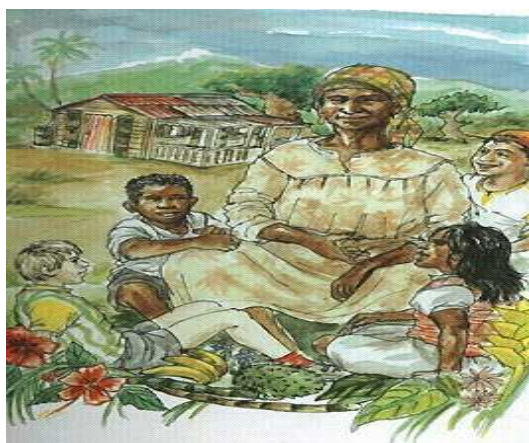
Esses versos que narram as desgraças vivenciadas pelos escravos africanos e são contadas a partir de ilustrações feitas para incentivar a leitura junto às crianças de qualquer idade. No nosso caso, essa é a estratégia para estimular o interesse pela leitura, formando, assim, jovens leitores de obras literárias, também em língua estrangeira.

As ilustrações que escolhemos vão ao encontro dessa narrativa feita nos versos aqui transcritos e, por isso, torna-se, portanto, possível contar a história às crianças mesmo em uma língua estrangeira, já que a narrativa intersemiótica favorece a apreensão dos sentidos. Assim, estamos atentando para se pensar em literatura no ensino de línguas, fazendo-se isso desde a primeira infância e mesmo que seja em língua estrangeira.









### **Algumas conclusões: literatura antilhana... tão diáspora quanto a brasileira?**

As narrativas literárias das Antilhas constituem-se em verdadeiras expressões da história desses povos. Assim, a literatura de expressão francesa tem uma relação com fatos históricos, sendo, por essa razão, em muitos casos, semelhantes às narrativas da literatura brasileira, sobretudo, quando narradas por vítimas da escravidão.

Nesse sentido, é impossível se discutir a literatura antilhana com esse tom histórico e não lembrar, imediatamente, da literatura brasileira, uma vez que o Brasil também sofreu com expansão marítima europeia que resultou em uma colonização e com a conquista do Novo Mundo. Do mesmo modo que os portugueses, os franceses colonizadores necessitaram de mão de obra para as novas terras conquistadas e, por esse motivo, buscaram mão de obra escrava. Como houve uma tentativa frustrada de escravização indígena, proibida pela igreja católica, os colonizadores buscaram a escravização dos negros oriundos da África. Proibidos de escravizar os povos indígenas, retornaram ao continente africano para negociar a compra de escravos.

Esses fatos são narrados nessa história de resgate histórico, unindo continentes distantes com Histórias tão semelhantes. Certamente, a literatura é uma das melhores pontes para estabelecer essas relações.

### **Referências**

BAUER, G.; LIMA, R. Tradução e interpretação através de desenhos de crianças bilíngues. *Graphos*. João Pessoa, Vol 13, N. 1, Jun./2011. p. 109-117.



DANY, Bébel-Gisler. *Grand-mère, ça commence où la route de l'esclave ?* Pointe-à-Pitre: Jasor, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós – modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, editora. 2009.

HEYWOOD, Linda M. *Diáspora negra no Brasil*. Ed. Contexto. São Paulo, 2009.

OUSTINOFF, M. *La traduction*. Presses Universitaires de France: Paris, 2003.

ROCHA, C.H.; TONELLI, J.R. A.; SILVA, K. A. *Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente*. Campinas: Pontes Editores, 2010.

SECCATO, M. G. A importância do uso pleno da língua inglesa durante o processo de ensino-aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental. In: ROCHA, C.H.; TONELLI, J.R. A.; SILVA, K. A. *Língua Estrangeira para crianças: Ensino-Aprendizagem e Formação Docente*. Campinas: Pontes Editores, 2010. p. 125-147.

TOURRETTE, Eric. *Connaissance d'une œuvre : Charles Perrault – Contes*. France: Bréal, 2006.

VANTHIER, H. *L'enseignement aux enfants en classe de langue*. Paris : Clé International, 2009. Paris

<http://www.potomitan.info/divers/dany.html>

## **ANEXO A:**

### **Obras principais obras dessa escritora:**

#### **Ensaio:**

*Cultures et pouvoir dans la Caraïbe: langue créole, vaudou, sectes religieuses en Guadeloupe et en Haïti* (avec Laënnec Hurbon). Paris: IDOC-France: L'Harmattan, 1975, 1976.

*La Langue créole, force jugulée: étude sociologique des rapports de force entre le créole et le français aux Antilles*. Paris: L'Harmattan, 1976. Paris: L'Harmattan / Montréal: Nouvelle-Optique, 1981.

*Les Enfants de la Guadeloupe*. Paris: l'Harmattan, 1985.

*Le Défi culturel guadeloupéen: devenir ce que nous sommes*. Paris: Éd. Caribéennes, 1989.

#### **Texto infanto-juvenil:**

*Grand'mère, ça commence où la Route de l'esclave?* (avec des illustrations de Michèle Chomereau-Lamotte). Pointe-à Pitre: Jasor, 1998.

## **Narrativas:**

*Léonora: l'histoire enfouie de la Guadeloupe.* Paris: Seghers, 1985.

*À la recherche d'une odeur de grand'mère; D'en Guadeloupe une "enfant de la Dass" raconte...* Pointe-à-Pitre: Jasor, 2000.

## **Princípios de escrita crioula:**

*Kèk prinsip pou ekri kréyól.* (Dani Bébèl-Jislè.) Paris: l'Harmattan, 1975, Nouvelle éd. revue et corrigée, 1978.

## **Alguns artigos:**

"Corps, langage, politique. Une expérience d'alphabétisation en Guadeloupe." *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* 32/33 (avril-juin 1980): 89-110.

"Nourrir ses enfants, une quête incessante depuis l'esclavage". *Femmes; Livre d'or de la femme créole.* Vol. 4. (Collectif) Pointe-à-Pitre: Raphy Diffusion, 1988: 87-114.

"Le passé inachevé de l'esclavage. L'héritage culturel africain dans le réel, l'inconscient et l'imaginaire social guadeloupéen." *La chaîne et le lien. Une vision de la traite négrière.* Paris: U.N.E.S.C.O., 1998.

"Que sont les langues créoles et que sont-elles devenues?" *Tribune Internationale des Langues Vivantes* (Paris) 27 (mai 2000).

## **Traduções em inglês:**

*Leonora: The Buried Story of Guadeloupe.* Trad. Andrea Leskes. Afterward : Vera M. Kutzinski and Cynthia Mesh-Ferguson. Charlottesville: University of Virginia Press/CARAF, 1994.

## **ANEXO B:**

### **Prefácio da obra :**

"Route de l'Esclave", projet initié par Haïti et que l'UNESCO a fait sien. Chercheuse au CNRS, l'écriture est mon métier, et depuis des années, je cherche à rompre le silence autour de la traite négrière, à faire connaître l'héritage culturel, spirituel, que nous ont légué nos ancêtres africains, à valoriser l'une de leurs créations la plus originale, la langue créole. "Grand-mère, ça commence où la route de l'esclave ? C'est quoi l'Afrique ? " Comment répondre à ces pourquoi d'enfants ? Comment conter l'histoire douloureuse, si pleine de fureurs et d'atrocités, de la traite négrière transatlantique ? Comment parler à mes petits enfants, au au-delà à tous les enfants de la Guadeloupe, de la Caraïbe, de la diaspora noire, de ce crime contre l'humanité que fut l'esclavage mercantile ? Écrire pour les enfants est donc une aventure nouvelle pour moi. Mais je devais tenter de faire revivre cette histoire tragique ,

enfouie sous la chape de silence, cette histoire de la plus grande déportation d'êtres humains qui dura plus de trois siècles et dont les marques, inscrites dans l'environnement physique, dans la culture, dans le corps, sont encore vivaces. Le devoir de mémoire nous impose à nous parents, éducateurs, enseignants, de lever le voile. De dire et redire à nos enfants ce que fut, ce qu'est notre histoire, si terrible, si douloureuse et complexe soit-elle. Ce petit livre est donc un effort pour restituer aux jeunes cette histoire. Je l'ai écrit, comme d'habitude, avec l'urgence de la passion, avec mon savoir et mes ignorances, mes espoirs aussi. J'espère qu'il suscitera émotions et discussions. Qu'il sera l'occasion pour la famille de se ressouder autour d'un passé dont la connaissance est indispensable pour reconstruire le lien brisé entre mémoire de l'esclavage et identité.